

ALGUNS ASPECTOS DA FIGURA DE DANTE

O que foi Dante sob o ponto de vista religioso e dos seus sentimentos de caridade e amor pelos homens? Dante é cristão e no seu poema até se arvora em apóstolo leigo e voluntário do Cristianismo, e como tal procura o bem dos homens, reconduzindo à verdade os que erram, à virtude os pecadores, à fé os incrédulos, à paz os violentos. É no bem dos seus irmãos que êle pensa e é por êles que escreve e trabalha para os aperfeiçoar e salvar. Sinceramente deseja que todos sejam menos perversos e infelizes na terra, para serem dignos da eterna bem-aventurança.

E porque já não há no mundo justiça nem concórdia e todos com isso sofremos, Dante pretende que só a autoridade de um Chefe Supremo, como tal reconhecido, filho reverente da Igreja, mas independente do Papa, poderá restabelecer sobre a terra a ordem, a calma e a equidade.

A sua compaixão pela infeliz condição dos homens, leva-o a desejar um Imperador. A sua missão de apóstolo leigo do Cristianismo realiza-a, sem que, todavia, o domine uma espontânea emoção da Caridade. É cristão mas o seu amor pelos homens procede antes da inteligência do que do coração; é mais teológico do que evangélico; amava os homens a seu modo, por vezes com altivez e severidade, mais intelectualmente do que fraternalmente.

Amar quer dizer, antes de tudo, realizar o bem da pessoa amada e a verdade é que o amor, o próprio amor cristão não consiste apenas em carícias, em abraços, no perdão incondicional ou em palavras carinhosas. Quantas vezes para conseguir o bem é preciso empregar meios que, à primeira vista, parecem um mal?... Em muitos casos, os avisos feitos com aspereza, as admoestações com severidade, as invectivas com rudeza, podem traduzir amor muito sincero; o caso é que tudo isso seja inspirado por um profundo desejo de ajudar o próximo, de reconduzir os outros aos caminhos da salvação. O que vale, é a boa intenção.

É certo que nem sempre as censuras feitas em termos ásperos levam ao fim desejado; mas também nem sempre êste se atinge com falsos queixumes cheios de doçura! É preciso estudar as pessoas, as suas disposições de momento, as circunstâncias e até os antecedentes, e adoptar com espírito fraternal ora os modos persuasivos, ora os enérgicos.

Não conhecem a essência da verdadeira caridade e as riquezas espirituais do Cristianismo aqueles que, supondo que a caridade há de ser necessariamente praticada com doces palavras, condenam em absoluto as maneiras rudes, tantas vezes necessárias.

Dante — como todos sabemos — era sobre tudo um intelectual; é por isso que nêle o amor à humanidade, como aliás sucede a todos os intelectuais, assumia aspectos variados e formas mais teóricas e abstractas do que cordialmente humanas; bastava-lhe para satisfação do seu espírito e tranqüilidade da consciência, a certeza de que todo o seu esforço visava ao aperfeiçoamento da Humanidade.

Dante foi, como disse, Cristão; e não só foi cristão como foi Católico. Falando do pensamento de Dante, Giovanni Gentile afirma, mais de uma vez, o significado constantemente religioso da Comédia, reconhecendo que

um dos pontos centrais da obra de Dante foi o desejo de uma profunda reforma da Igreja do seu tempo.

Sob o ponto de vista católico, Dante pode aproximar-se dos católicos da época decorrente que, em pleno século XX, têm aspirações e esperanças idênticas às de Dante, sentindo como ele a necessidade de não reduzir a vida religiosa a uma simples mecânica da devoção. Os católicos modernos sentem profunda adversão à prevalência da actividade política na vida da Igreja, visto que esta é, essencialmente, uma sociedade espiritual cujos fins são de carácter sobrenatural, devendo, portanto, evitar toda a ingerência directa nos regimes políticos.

A missão dos sacerdotes, tão somente moral e espiritual, exclue toda a possibilidade de pertencerem a partidos, e de intervirem nas lutas de facções e de classes, *a não ser como conselheiros e animadores da paz*; a política é, de entre as coisas da terra, uma das mais terrenas e das que mais se afastam do ideal do Evangelho.

Os católicos modernos, em pensamento idêntico ao de Dante Alighieri, não gostam de padres politiqueros, nem de padres negociantes; são situações absolutamente antagónicas; mas todos nós sabemos que, no nosso país, em certa época, os padres e de modo especial os párocos das freguesias, foram grandes caciques políticos; com eles se entendiam sempre, para fins políticos, os próprios chefes de partidos.

Na igreja Católica há um só Rei: Jesus Cristo. Todos os Imperadores, os Reis, os Presidentes, os Ministros, sendo cristãos, estão sujeitos à autoridade da Igreja, a qual pode, em certos casos, censurar-lhes e condenar-lhes os actos, mas não pode nem deve associar-se a eles para governar os aglomerados humanos. A Igreja ensina a todos os homens — e por conseguinte também aos políticos — as regras da perfeição, de modo a poderem merecer a paz na terra e a bem-aventurança no Céu; é

essa a missão que lhe atribuiu o seu Divino Fundador.

Houve, sem dúvida, em certos períodos, — como a História no-lo ensina — papas que pretenderam dirigir a política de alguns povos, cardiais que foram ministros de monarcas, abades que foram senhores feudais; mas a História ensina-nos também que foi maior o mal do que o bem que a Igreja lucrou. Entretanto, a Igreja tem a sua política particular que não é política na acepção vulgar desta palavra, mas tão somente a maneira de obter os meios necessários para garantir a realização da sua missão e a sua convivência com os outros estados ou dentro destes.

Dante invectivara os papas do seu tempo porque, em vez de consagrarem todos os seus esforços ao bem espiritual das almas, segundo as leis do Evangelho, e à pacificação do Mundo revolto, se tornavam partidários deste ou daquele Rei e procuravam alianças e vantagens temporais, contribuindo assim para aumentar indefinidamente as dissensões e as guerras fratricidas.

De igual severidade era Dante contra a avareza do clero e a ambição de riquezas, que atribuía aos prelados. A Igreja, como instituição, não pode submeter-se ao princípio de viver a rigor em regime de pobreza evangélica; o próprio prestígio da Fé exige que os chefes da Igreja, e, dum modo geral, os padres e os frades, não dêem motivo a que os considerem ambiciosos de bens temporais; decerto, por isso, o Direito Canónico condena, se é que não proíbe mesmo, expressamente, que os sacerdotes tenham negócios comerciais.

Há ainda um outro ponto de vista em que o estado de alma dos católicos da época actual é muito semelhante ao de Dante Alighieri que nunca teve aliás — convém acentuá-lo — a intenção de abandonar a doutrina católica. Mas Dante esperava — como ainda hoje há quem continue esperando — que se realizasse a promessa de Cristo, no Evangelho de S. João: a Epifânia do Espí-

rito Santo que é, por assim dizer, uma expectativa indefinida, mais esperança do que certeza, que, em todo o caso, deve consistir numa explícita manifestação do Espírito Santo, sem se procurar saber se está ou não em conformidade com a doutrina da Igreja.

Essa concepção dantesca abrangia uma outra, a de restauração do Império, que, segundo os mais apaixonados dantistas, constituía em Dante uma espécie de nostalgia literária pela grandeza de Roma e pelo seu desejo de ver instituída uma autoridade tão forte e tão ampla que pudesse repelir as veleidades temporais do papado e estabelecer na Europa, e particularmente na Itália, a ordem, a paz e a justiça.

De tal modo se preocupava com o mal-estar do seu país, que se dirige ao Imperador da Alemanha (Alberto de Absburgo) convidando-o a ocupar-se dos males da Itália. E diz-lhe aflito:

*Vieni a veder la tua Roma che piagne
Védova e sola, e dì e notte chiama
Cesare mio, perché non m'accompagne*

(Do «Purgatório», Canto 6.º, vv. 112-114)

Essa concepção imperialista de Dante não era por todos bem interpretada e muitos dos seus contemporâneos quiseram antes, ver nele, principalmente, o profeta da unidade nacional e não o soldado e o propugnador da ideia imperialista. Ao conceito de uma autoridade *universal* que era o grande sonho de Dante, opõe-se, no presente, a formação dos estados nacionais ou nacionalistas que, todavia, parece constituírem uma fase necessária, embora não definitiva, do equilíbrio e da paz do mundo.

A quantas considerações, se não prestaria o que,

desgraçadamente, se está passando neste momento nesta Europa tão profundamente conturbada e já regada de tanto sangue derramado!

Seriam inoportunas ou descabidas e por certo inconvenientes quaisquer considerações a tal propósito, aliás muito difíceis de fazer, mormente se obedecessem à pretensão que seria rematada estultícia, de tirar delas qualquer conclusão.

Uma consideração posso eu fazer e nela estou certo de que me acompanham todos. É completamente alheia a qualquer sentimento político e absolutamente estranha a tudo quanto se relacione com a política internacional neste momento histórico cuja gravidade todos sentimos. Quero referir-me de novo àquele sentimento de compaixão de Dante pela infeliz condição dos homens, em que tanto pensava e cujo bem tão apaixonadamente desejava. Quando por momentos se medita nas desgraças de que tantos se lamentam e na miséria que a tantos aflige, por todo o mundo, ¿quem terá dúvidas de que tantos milhões gastos e não falemos em vidas perdidas cujo valor não pode ser expresso em dinheiro, bastariam para acabar com tôdas essas desgraças e misérias e para levar o bem-estar e a felicidade a todos os que, por todo o mundo, estão privados dêsses bens?!

Está-se vendo que a Europa, melhor dizendo, não só a Europa mas toda a raça humana, estão condenadas a calamidades cada vez mais horrorosas, que poderiam talvez ter definitivamente seu termo, se fôsse possível chegar-se à reconstituição de uma perfeita unidade política, pela fundação de um organismo colectivo, governado por uma lei única, nas mãos de uma autoridade suprema. O sistema preconizado por Dante, que, para a sua época, — vão passados oito séculos! — era considerada uma utopia ou mera fantasia nostálgica, vai, cada vez mais, tendo adeptos que as novas condições da vida universal se encarregam de lhe trazer.

Para se acabar com as perigosas rivalidades dos estados, que levaram à triste situação actual, de-veras lamentável, e para se restabelecer uma melhor distribuição de justiça, mais perfeita e mais estável, parece que o remédio mais eficaz seria, de facto, a unidade política, pelo menos nos estados da Europa, tal como Dante a imaginou e propoz. ¿Será ela possível? ¿E como? ¿Imposta pela força ou resultante da persuasão de todos, num mesmo sentido?

As circunstâncias actuais não deixam sequer formular resposta a estas perguntas, que não seja a que as próprias circunstâncias, desgraçadamente, envolvem.

*

Voltemos, de novo, à feição poética de Dante.

Pelo valor plástico e musical dos seus versos, pelo tom e colorido da sua linguagem, pela ressonância e origem tãda pessoal das suas expressões que podem dizer-se originaes e exclusivamente suas e que o tornaram tão diferente dos outros poetas, pôde Dante cumprir a mais alta das suas missões, animado pelo fogo da Arte, visto que, antes de mais nada, Deus lhe mandara ser Artista. E, segundo a afirmação de todos quantos têm estudado a sua obra e a conhecem, foi tal a sua vocação para a poesia, que mesmo quando escrevia prosa e sem querer ser poeta, por vezes lhe acontecia saírem-lhe, sem o menor esforço, versos admiráveis.

O artista sublime serve-se da sua técnica especial e original para manifestar as suas visões, revelando ao mesmo tempo, não só a sua prática e a sua excepcional perícia, mas também a qualidade do seu génio privilegiado e a fisionomia da sua própria alma.

E, todavia, a crítica, pondo de parte os caracteres pessoais e permanentes da expressão poética de Dante, artífice potente, de alma rica e viva, tem recaído prin-

cipalmente sôbre as figuras e episódios do seu poema, para estabelecer o errado juízo de que o valor artístico da Comédia tem progressivamente deminuído, sendo, em todo o caso, maior na primeira parte — o Inferno — e menos notável nas duas restantes — o Purgatório e o Paraíso.

No *Inferno* são mais numerosas e vivas as figuras que ali se movimentam, mais humanas; por isso se tornam para nós mais interessantes, visto que, pelas suas paixões, mais de nós se aproximam. No *Purgatório*, há ainda episódios vibrantes de humanidade, mas começam a aparecer certas noções ou aquisições teológicas que, na opinião dos que com elas não concordam, dão motivo a perturbar-se a limpidez do céu da Arte e a toldar-lhe a pureza.

No *Paraíso*, torna-se mais dominante a teologia, há mais abstracção, mais moralismo contemplativo. Mas para os críticos conscienciosos, a verdade é que essa gradação decrescente que alguns vêem nas três partes do poema, procurando a seu modo explicá-la, é apenas o resultado de uma falsa opinião àcerca do valor estético da Divina Comédia, visto que Dante é sempre o mesmo Poeta grandíssimo, inegualável, em qualquer daquelas três partes.

E até os críticos mais competentes e de mais sólida formação mental, atribuem justamente ao Paraíso — que aqueles colocam em último lugar. — um valor estético superior porque é aí que a sublime Arte atinge a mais grandiosa e angélica perfeição e o Poeta, elevando-se cada vez mais para Deus, mais se aproxima também do Céu supremo da poesia.

Tal conceito errado pode e deve explicar-se, no entanto, não só porque em certa época dominou uma corrente positivista em que o verismo e o realismo atribuíam importância maior às mais violentas figuras infernais, mas também porque, por outro lado, a corrente

idealista que, já em nossos dias, deu como perdido e morto o catolicismo — em Portugal anunciou-se, como se sabe, que desapareceria em duas gerações! — finge ignorá-lo e assim julga os leitores do *Paraíso* incapazes de apreciar o lirismo e a beleza expressiva dessa parte do poema, que, mais que qualquer das outras e não só pela matéria de que trata, merece a qualificação de *divina*.

Opinião falsa, portanto, de críticos que nada sabem do pensamento católico e não entendem o que há, nessa parte do Poema, de teologia e de mística cristã, nem facilmente o podem entender porque, ainda mesmo que por consciência ou escrúpulo o estudassem, lhes falta absolutamente uma condição essencialíssima, tal é a fé ardente, viva e vivificadora nessas grandes verdades em que o Poeta crê e se inspira.

A Divina Comédia que é, na sua essência, um poema moral e religioso, parece ser um suplemento à Bíblia, prêgação universal, caminho para Deus, que não pode facilmente ser compreendido por quem não acredite apaixonadamente nessa moral e nessa religião que constitue a beleza interior e vibrante que ilumina e sonoriza as palavras, os ritmos e as rimas.

DR. JOSÉ D'OLIVEIRA LIMA
Vice-Reitor da Universidade do Pôrto